

**AGOSTINHO E HEIDEGGER:
O amor e o cuidado como paradigmas para uma educação ética**

Agostinho and Heidegger:
Love and care as paradigms for an ethical education

Gilzane Naves^()*

Resumo

Este trabalho de pesquisa visa analisar e refletir sobre os conceitos de amor e cuidado em Agostinho e Heidegger, respectivamente, relacionando-os às necessidades e possibilidades de uma revigorada educação ética em nossos dias. Utilizando de alguns de seus comentadores, mas sobretudo das principais obras de cada um destes filósofos, investigamos as possíveis correlações entre seus conceitos tendo em vista uma educação transformadora. Ao criar uma aproximação entre o principal filósofo da patrística e um dos pensadores mais influente do século XX, analisamos suas contribuições a um revigorado manancial de princípios para a contemporaneidade, que seja capaz de atender as necessidades de superação das múltiplas crises de nosso tempo, em especial aquela tocante à educação e a ética.

Palavras-chave: Amor. Cuidado. Educação ética. Agostinho. Heidegger.

Abstract

This research aims at analyzing and reflecting on the concepts of love and care in Augustine and Heidegger, respectively, relating them to the needs and possibilities of a reinvigorated ethical education in our day. Using some of his commentators, but especially the main works of each one of these philosophers, we investigate the possible correlations between his concepts for a transformative education. In creating an approximation between the leading philosopher of patristics and one of the most influential thinkers of the twentieth century, we analyze his contributions to a reinvigorated set of principles for contemporaneity that is capable of meeting the needs of overcoming the multiple crises of our time, in especially education and ethic

Keywords: Love. Care. Ethical education. Augustine. Heidegger.

INTRODUÇÃO

O objetivo maior deste trabalho é investigar o pensamento ético de dois dos maiores filósofos da tradição, Agostinho e Heidegger, por meio de alguns de seus conceitos mais relevantes, o Amor no pensamento do filósofo cristão e o Cuidado na filosofia do pensador alemão. Mesmo assumindo que cada um em seu período histórico, em contextos distintos, possuem perspectivas diferentes, compreendemos que

^(*) Mestre em Filosofia, atua como professor na Universidade Presidente Antonio Carlos (UNIPAC - Uberlândia) e Colégio Marista de Uberlândia. Email: gilzanenaves@yahoo.com.br

aludemvisões comuns, que tornam próximos seus conceitos e nos faz pensar como ambos podem nos fazer refletir sobre a ética e a educação em nossos dias.

Agostinho, filósofo da antiguidade, foi eixo fundamental de estruturação da “filosofia cristã”, que alicerçou boa parte da Idade Média, e Martin Heidegger na contemporaneidade, que mesmo não tendo escrito um tratado sobre a ética, deixa elementos que nos faz pensar em uma “ética da finitude humana”, especialmente tendo por sustentação o conceito de cuidado.

Além disso, a partir dos conceitos de amor e cuidado, objetivamos também refletir a possibilidade da construção de uma proposta ética voltada para a educação, que em nossos dias, leve em consideração o mundo secular no qual estamos imersos, onde os valores e normas morais estão relativizados e até esquecidos.

Assim, ao analisarmos a proposta agostiniana (essencialmente cristã) fundamentada no projeto máximo do amor, direcionado inicialmente a Deus e posteriormente aos outros; e a reflexão heideggeriana - pensada a partir de uma visão estritamente filosófica, com vistas a uma ontologia de cunho fenomenológico-existencialista, que traz em seu bojo a proposta do cuidado como elemento essencialmente humano, capaz de possibilitar a existência individual e social, nos perguntamos: como propor uma ética que seja sólida e que tenha possibilidade de aplicação? Considerando o mundo laico das instituições e a capacidade de penetração da filosofia, como propor conceitos próximos do mundo da educação que corrobore de fato com a formação humana?

Acreditamos que Heidegger e Agostinho podem colaborar em um renovado projeto educativo, quando entendemos que tanto o cuidado como o amor são elementos fundamentais para a real edificação de qualquer projeto de formação humana, permeando implicitamente os princípios da educação.

Logo, sendo tais autores tão importantes, cada qual em sua época, e sabendo dos desafios que vivemos em nossos dias, a proposta de trabalho a partir destes dois pensadores da filosofia já é, por si só, uma grande motivação, sabendo da influência que ambos tiveram e ainda possuem na contemporaneidade. Além do mais, o desafio de trabalhar suas filosofias e fazê-las se entrelaçarem é também outra motivação extra, pois não há muitas pesquisas no Brasil quanto a estas leituras conjuntas. O desafio por isso, torna-se extremamente instigante.

Pensando neste itinerário, escolhemos um viés de análise cronológica, tomando primeiramente por objeto de reflexão o pensamento de Agostinho e posteriormente de Heidegger.

AGOSTINHO: o amor como paradigma para uma educação ética

Ao tratar de sua conversão, Agostinho descreve o quão confuso foi compreender o desejo do seu coração, ao buscar na religiosidade a afirmação do amor, sobretudo pelo transcendente. Mas quando amadurecemos a leitura sobre o filósofo africano descobrimos que este amor pelo transcendente se deu por razões e situações também imanentes, como se lê ao notar como ele o descreve em sua situação de pré-convertido: “Assim falava e chorava, oprimido pela mais amarga dor do coração. Eis que, de súbito, ouço uma voz vinda da casa próxima. Não sei se era de menino, se de menina. Cantava e repetia frequentes vezes: “Toma e lê; toma e lê”. (AGOSTINHO, 1999, p. 222-223).

Homem do início da Patrística, Agostinho terá como bandeira a fé, esta que será sustentáculo para todos os seus escritos e pensamento. Neste contexto teocêntrico e marcado por dilemas, o filósofo de Tagaste (norte da África) vive intimamente a crise de paradigmas de seu tempo. Entre a força da razão e o brasão da fé, Agostinho experiencia na própria vida a necessidade de uma viagem interior por meio da reflexão e encontra na fé o sustentáculo para obter em Deus o eixo norteador de suas convicções: “[...] só Deus é criador das naturezas, já que ele não faz nada senão com a matéria que ele mesmo criou e não tem por artífices senão os que ele próprio criou[...]. (AGOSTINHO. In: REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. 1990, p. 450).

Em Agostinho se percebe que está em Deus a resposta maior para todos e dilemas e crises humanas. As dúvidas vividas pelos homens de seu tempo são espelhadas no filósofo cristão, visto que o mesmo faz questão de tratar dele mesmo como uma referência no itinerário da conversão para uma vida nova, que segundo ele só se alcança ao encontrar em Deus o sentido de toda a busca humana e da própria vida. A fé alimenta as dúvidas existenciais e o texto sagrado é a fonte de tal educação religiosa: “Não quis ler mais, nem era necessário. Apenas acabei de ler estas frases, penetrou-me no coração uma espécie de luz serena, e todas as trevas da dúvida fugiram”. (AGOSTINHO, 1999, p. 223).

Agostinho faz questão de mostrar que os caminhos de uma filosofia da interioridade são os caminhos da felicidade. A compreensão é necessária para se chegar

a crença da verdade. Na obra *Cidade de Deus* o mesmo Agostinho fala da importância da filosofia no caminho daquele que deseja ser feliz: “O homem não tem razão para filosofar, exceto para atingir a felicidade” (AGOSTINHO, 1990, XIX, 1,3), pois para o bispo de Hipona énitida a relevância da razão, mas porque esta é uma ferramenta a serviço da fé. Até porque a fé e a razão não se contrapõem; antes se complementam. Logo, era muito importante assegurar à razão o papel de servir como objeto de investigação e compreensão das verdades reveladas por Deus na história humana.

Neste papel da filosofia se faz útil a compreensão de alguns conceitos e convicções do cristianismo. Um destes conceitos é eixo básico do pensamento de Agostinho, o amor - para o qual equivale ao de caridade. Sob inspiração do apóstolo Paulo, Agostinho irá reafirmar a importância da fé, da esperança e da caridade. Mas tomará este último conceito como aquele sinal que melhor demonstra a presença de Deus entre nós. Sinal da singularidade da fé. É uma marca naqueles que escolheram o caminho do testemunho da espiritualidade cristã. O próprio Agostinho assim definirá:

O meu amor é o meu peso. Para qualquer parte que vá, é ele quem me leva. O vosso Dom inflama-nos e arrebatá-nos para o alto. Ardemos e partimos. Fazemos ascensões no coração e cantamos o “cântico dos degraus”. É o vosso fogo, o vosso fogo benfazejo que nos consome enquanto vamos e subimos para a paz da Jerusalém celeste (AGOSTINHO, 1999, p. 383).

Tal amor é ao mesmo tempo presença do transcendente, como também marca da mais expressiva manifestação de interioridade e da própria identidade do sujeito. Para Agostinho o sujeito filosófico é objeto de autenticidade e individualidade, pois quem conhece a Deus é o ser na sua interioridade e singularidade: a conversão de fé é pessoal. Assim, o amor é sinal desta “marca” individual do ser único e livre. Como nos lembra bem Giovanni Reale quando diz que um dos objetivos do filósofo que empostou o auge da patrística, foi afirmar o conceito de “pessoa”, como dotada de subjetividade e identidade. O melhor período da patrística deixou seu legado mais singular a partir do pensamento do filósofo do norte da África. É com Agostinho que o “eu” ganha centralidade na reflexão filosófica, mas agora de forma mais cotidiana e absoluta, palpável e real. Assim, discutir o sujeito, sua vida, existência e sentimentos tornar-se possível a partir da conversão de Agostinho ao cristianismo e da afirmação do seu pensamento durante toda a Idade Média.

Mas Agostinho não propõe o problema do homem em abstrato, ou seja, o problema da essência do homem em geral: o que ele propõe é o problema mais concreto do eu, do homem como indivíduo irrepitível, como pessoa, como indivíduo, poder-se-ia dizer com terminologia posterior. Nesse sentido, o problema do seu eu e o de sua pessoa torna-se significativos: ‘eu próprio me havia tornado um grande problema (*magna*

quaestio) para mim'; 'eu não compreendo tudo o que sou'. Como pessoa, Agostinho torna-se protagonista de sua filosofia: ao mesmo tempo observante e observado. (REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. 1990, p. 437).

O amor em Agostinho tem carácter teológico e filosófico, pois tem uma perspectiva moral e religiosa, pois a partir da singularidade de Deus o 'eu' é uma categoria que também afirma-se por sua relação com o transcendente, por meio do amor. O amor torna-se o reflexo das relações imanente e transcendente. Amor é verbo em ação. Amar é um sinal do sagrado no humano e em suas relações cotidianas.

Na concepção agostiniana de mundo, de influência platônica e neoplatônica, este mundo deve espelhar o mundo celeste. Assim, a nossa essência deve de fato ser aquela que deriva do alto. Neste caso, o homem deve se assemelhar a Deus que é bom, e como fazê-lo? Amando.

As orientações do filósofo da antiguidade, que foi o principal pensador da Patrística, levam também a observar certa ordem na prática deste amor, pois segundo o pensador e fundador da filosofia cristã, deve-se observar com justiça que as coisas materiais não devem ter precedência em comparação com as de cunho espiritual. Ou seja, não devemos amar mais as "coisas" do que a Deus e aos nossos semelhantes. A inversão desta ordem justificaria o conceito de pecado.

A proposta de Agostinho tem no amor uma intensão de ordem estrutural, de manter um liame de ligação entre as esferas sensíveis e mutáveis, deste mundo com o plano espiritual, perfeito por sua natureza. Em sua vertente ética a proposta do amor é afirmada como um elemento de unificação do ser humano, como ser que contém um germe divino. Divinal neste caso é o amor. Logo, é compreensível que haja também uma hierarquia na prática deste amor: primeiramente a Deus. O que não significa que o filho de Santa Mônica não queira afirmar a relevância do amor nas relações humanas. Ao contrário, pois ser justo neste caso é destinar o amor a Deus e ao próximo de modo a tornar o amor de Deus conhecido de todos, por meio das relações, fazendo aquilo que é de orientação dos textos sagrados. Ao tornar o amor conhecido e vivenciado, segundo Agostinho, torna-se real a proposta da Cidade Celeste, como aquela que está destinada aos que vivenciam este amor na sua totalidade e na sua radicalidade, como fora a proposta de Jesus de Nazaré.

Mas já sabemos, vivemos hoje um mundo secularizado, e a perspectiva do amor, como proposta pela ética cristã, não tem mais assim tanta influência como teve na antiguidade cristã, na Idade Média e início da modernidade. Então, como propor uma ética aplicada aos

homens de nosso tempo, que na sua grande parte desconhecem a proposta cristã, ou não são adeptos dela? Aqui propomos o conceito heideggeriano de cuidado.

MARTIN HEIDEGGER: o cuidado como estrutura fundamental

A nossa abordagem neste texto não pretende significar apenas fenomenologicamente ou ontologicamente um esforço de interpretação dos conceitos heideggerianos que possam ajudar-nos a compreender o significado real de tal cuidado, que ele propõe. Na verdade esta análise filosófica quer indicar a necessidade de aproximar o exercício de reflexão do filósofo da floresta negra há uma necessidade crescente em aplicar suas concepções existenciais ao projeto da educação e da ética. Que ele mesmo não o fez, por não se tratar de seu objetivo filosófico. Sabe-se também que a não aceitação de Heidegger em ser incluído entre os chamados existencialistas se deve ao fato do mesmo apontar claramente que seu projeto filosófico tinha como fim a ontologia. Mas o seu modo de fazê-lo o levou a empreender um caminho fenomenológico e existencial. O que o próprio Heidegger afirmou assim em *Ser e Tempo*: “A fenomenologia é a via de acesso e o modo de verificação para se determinar o que deve constituir tema da ontologia. A ontologia só é possível como fenomenologia” (HEIDEGGER, 1993, p. 66).

Ao pensar a fenomenologia heideggeriana somos projetados pelo mesmo autor a mergulhar na análise da estrutura humana, que ele detalhadamente faz em sua obra prima. A obra lançada em 1927 e já acima citada é certamente o seu maior esforço de afirmação do pensamento. Mesmo inacabada, ela traduz muito bem as diretrizes de sua filosofia. Em meio a uma linguagem densa e novos conceitos, o autor elaborou suas principais ideias. Por entender que não é possível falarmos do cuidado propriamente dito sem estabelecer estas bases conceituais vamos inicialmente esclarecê-las.

Para Heidegger, a filosofia é ontologia e fenomenologia que se constrói por meio de um concatenado que tem como ponto inicial a interpretação do ser que somos. O herdeiro da fenomenologia de Husserl também o foi das convicções de Kant, pois para nosso filósofo em questão, não há possibilidade de pensar uma ontologia sem pensar o ser para o qual a ontologia interessa: o homem. O que Heidegger chama de *Dasein*, ou conforme nossa tradução, ser-aí ou pre-sença.

Ontologia e fenomenologia não são duas disciplinas diferentes da filosofia ao lado de outras. Ambas caracterizam a própria filosofia em seu objeto e em seu modo de tratar. A filosofia é uma ontologia fenomenológica e universal que parte da hermenêutica da pre-

sença, a qual, enquanto analítica da existência, amarra o fio de todo questionamento filosófico no lugar de onde ele brota e para onde retorna (HEIDEGGER, 1993, p. 69).

Desse modo, a analítica da existência, aponta Heidegger, trará a necessidade de estabelecer uma relação entre o homem e o ser, pois este ser humano, ser-aí, está em uma condição de inacabado, aberto ao seu real significado. Não se pode dizer que sua essência está pronta, pois esta não é, está sendo, “[...] a essência do ser-aí está fundada em seu existir. Se o “eu” é uma característica essencial do ser-aí, ela precisa ser existencialmente explicada.”(HEIDEGGER, 1981, p. 32). Por estes motivos o filósofo alemão compreende que se o homem é ser-aí no mundo este tem uma especial relação com este mundo, na busca do significado do ser. Sendo assim, ele é um ser-no-mundo, em uma condição de dependência e comunhão com este mundo. “A expressão composta ‘ser-no-mundo’, já na sua cunhagem, mostra que pretende referir-se a um fenômeno de unidade. Deve-se considerar este primeiro achado em seu todo”. (HEIDEGGER, 1993, p. 90).

E pensando este ‘todo’ é que entendemos o quão necessário é preciso pensar a partir daqui uma relação do ser-no-mundo com a educação e com a ética, mundos possíveis da esfera humana e de sua estrutura do cuidado. Segundo a pesquisadora Joanna Hodge: “Esta relação com o ser fornece o sentido de lugar no mundo, uma casa, um lugar onde permanecer, e é este sentido que é necessário para que seja possível uma relação substantiva e eticamente criativa com o mundo.” (HODGE, 1995, p. 150-151)

Para Heidegger este ser-no-mundo se dá a partir do mundo que o cerca, que o acolhe, que o faz pertencente ao tempo e ao espaço. Ser-no-mundo é uma referência que está além das dimensões espacial e temporal, pois é concomitantemente ontológica e existencial. Construir uma hermenêutica fenomenológica do homem é entender também que este ser-no-mundo se dá por meio das relações, daí sua análise do ser-com-outros, que Heidegger entenderá fundamental para pensar o cuidado. A busca do sentido do ser-no-mundo, de ser si mesmo em um mundo é no entender de Heidegger uma busca por uma vida de sentido em comum, com outros em um mundo compartilhado. O cuidado tem assim vários sentidos, como o de zelar, de pôr-se a cuidar e até de relacionar-se com os “outros”.

Dizendo de maneira mais apropriada, esses ‘outros’ são aqueles de quem, na maioria das vezes, alguém não pode se distinguir – aqueles no meio dos quais alguém também está. Este ‘ser-lá-também-com-eles’ (*Auch-da-sein*) não possui o caráter ontológico de uma ‘presença-simplesmente-e-objetivada-junto-com-eles dentro do mundo’. Este ‘com’ é algo que tem o caráter de ser-aí; o ‘também’ significa uma identidade de ser enquanto ser-no-mundo, referindo-se ao mundo através do cuidar [...] Em razão destes

também-com (*mit-haften*) ser-no-mundo, o mundo é sempre algo que eu partilho com os outros. O mundo do ser-aí é um mundo-com(*Mitwelt*). (HEIDEGGER, 1981, p. 35)

Aqui se encontra então a nossa problemática em Heidegger: seria possível uma modalidade de ser-no-mundo, cujo exercício do cuidado estivesse envolvido com uma educação ética? Temos razões para acreditarmos que sim, pois a ontologia fundamental de Heidegger se dá como uma análise existencial que afirmar o cuidado como estrutura humana essencial. Antes de qualquer ação humana o cuidado já compõe a estrutura ontológica do ser-no-mundo, em especial, em sua dimensão relacional. “Se o ser-com constitui existencialmente o ser-no-mundo, ele deve poder ser interpretado pelo fenômeno da cura[...].” (HEIDEGGER, 1993, p. 172)

O cuidado ou solicitude é dimensão humana que envolve a existência do ser-com tendo por base fundante as suas várias manifestações existenciais e circunstanciais. O que também afirma o pesquisador Solon Spanoudis na sua introdução da obra *Todos Nós Ninguém*, na qual se lê: “O relacionar-se com alguém, com o outro numa maneira envolvente e significativa, é o que Heidegger chama de ‘solicitude’, que imbrica as características básicas do ter consideração para com o outro [...]”(HEIDEGGER, 1981, p. 19).

Enfim, o ponto central na reflexão de Heidegger sobre o cuidado, diz respeito ao modo como a educação do cuidado pode ser aplicado ao outro. Em um primeiro exemplo, não o libertando para si mesmo, para sua autodescoberta e crescimento. Num segundo modo favorecendo o indivíduo, fazendo-o autêntico e livre para ser si mesmo e para sua felicidade.

Vejamos o que diz o próprio Heidegger:

A solicitude, com relação a seus modos, tem dois extremos possíveis. Pode-se, por assim dizer, tomar ‘conta’ do outro ou colocar-se em sua posição de cuidar: pode-se ‘saltar sobre o outro’. Este modo de solicitude é o que assume o encargo que o é do outro de cuidar de si mesmo. O outro é lançado fora de seu próprio lugar; ele retrocede quando algo precisa de sua atenção, ou mesmo pode toma-lo como alguma coisa já acabada e à sua disposição, ou ainda descarregar-se dele completamente. Em tal solicitude o outro pode tornar-se alguém que é dominado e dependente, mesmo que esta dominação seja, para ele, tácita, ou lhe permaneça oculta. Esse modo de solicitude, que consiste em ‘saltar sobre o outro’ e em tomar conta dele e por ele, é um vasto âmbito determinativo de ser-com-os-outros e, em geral, pertence ao nosso cuidar dos ‘entes-envolventes’.”(HEIDEGGER, 1981, p. 41)

Ou seja, segundo Heidegger, este tipo de cuidado é muito comum e retira do outro o cuidado consigo mesmo. O que se torna uma modalidade de cuidado que não desperta o outro para sua autonomia, mas o torna dependente e atrofia sua capacidade de autodeterminação.

Contrário a este modo ‘deficiente’ de cuidado e solicitude, encontra-se o modo saudável de cuidado. Como Heidegger descreve:

Em contraste a esse modo de solicitude, há um outro que não consiste em ‘saltar sobre o outro’, mas em se ‘antecipar’ a ele (*ihm vorausspringt*) em sua existencial possibilidade-para-ser. Um modo em que não se protege o outro, mas em que, antes disso, faz-se com que ele se volte para si mesmo autenticamente, como pela primeira vez. Este outro modo de solicitude pertence essencialmente ao autêntico ‘cuidar – isto é, para com a existência do outro e não para um ‘o que’ ele cuida; ele salva o outro para torna-lo transparente a si mesmo em seu cuidar e para torna-lo livre para si. (HEIDEGGER, 1981, p.41)

Compreendemos por isso, que este modo autêntico de cuidar do outro o faz livre e o dá autonomia para guiar-se no caminho da existência, possibilitando o verdadeiro encontro para a realização e a felicidade, pois ancora-se na liberdade de autoconstrução e edificação do ser. Neste processo educativo, a educação e a ética estão intimamente ligadas, pois cuidar do outro é torna-lo um ser-para-si-mesmo e para suas reais possibilidades de ser-no-mundo.

CONCLUSÃO

Vivemos dias que carecem de real atenção quanto à educação ética. Educação esta que não se limita a educação informal, ofertada pela família, escola ou mídias. Tal educação que tem início no seio familiar e se estende à escola, no modelo de uma educação formal, e que hoje estão sob uma condição de crise em seus modelos e pressupostos. O que espelha em muito a própria condição humana de abertura e de autoconstrução permanentes, pois somos seres inconclusos e cujos modelos estão constantemente em julgamento e mudança. Deste modo, a proposta deste texto é demonstrar como o amor e o cuidado se afirmam como modelos em seus respectivos pensadores e nos servem de referência em nossos dias para repensarmos os princípios que necessitam ser revisitados na estruturação de uma sociedade mais autêntica, humana e ética.

Com Santo Agostinho, bispo de Hipona e fomentador de uma filosofia cristã, é possível compreender que o conceito de amor é próprio de uma visão relacional que tem Deus como centro e cujas relações horizontais devem espelhar a presença e espiritualidade com o transcendente. Neste cenário teocêntrico, é válido e ainda relevante observar o quanto a valorização da interioridade tem relevância na autoconstrução do ser individual e social. Amar neste caso é buscar um equilíbrio sob a tábua de valores propostas pelo cristianismo e cujos pressupostos se encontram em grande escala também em outras religiões, como o são os valores do respeito, do da

harmonia, da tolerância e da paz. Sabemos que hoje estes valores ainda são relevantes e necessitam ser reavivados, visto que são de primeira ordem na formação de uma sociedade mais justa e capaz de propiciar melhores condições de vida para todos.

O cuidado em Heidegger é sem dúvida um conceito que possibilita um alcance de reflexão maior, devido ao seu carácter mais neutro e amplo, visto que o filósofo o apresenta como aquela condição básica da estrutura humana. Sem o cuidado não há vida e nem manutenção desta. Primeiramente o cuidado consigo mesmo, no sentido de autopreservação; mas em seguida no sentido relacional, pois tem também este sentido de se estabelecer enquanto condição saudável ou não com o outro, visto que não há um ser que seja sozinho no mundo, desde sempre precisamos do outro de algum modo, ele compõe minha esfera existencial. Nascemos e formamo-nos a partir do outro. Educamo-nos na relação com o outro.

Evidencia Heidegger a existência de duas formas de cuidar do outro, uma positiva e outra negativa. O conotação ética e moral nesse caso é uma possibilidade de interpretação, visto que o pensador não o faz abertamente, mas é totalmente possível, visto que compreendemos que a educação deve ter um propósito maior na formação humana. A educação é um processo contínuo e axial ao ser-no-mundo. O homem se faz como ser na instância educativa e relacional. Assim, não há como não dar a esta educação uma conotação ética, visto que desejar o bem de quem se ama é dar a este o melhor. Neste caso as melhores condições e formação para a vida. A formação de valores, o desenvolvimento de virtudes, de comportamentos e atitudes desejáveis são objetivos do processo de desenvolvimento humano. Além do conhecimento ofertado para uma futura formação profissional, deve existir um modo que seja mais próprio de conduzir o ser humano ao encontro destes aspectos desejáveis de ser-no-mundo. Além do mais, Heidegger dirá que uma destas formas de cuidar, de demonstrar solicitude, conduz o ser-no-mundo, um ser-com-outro a encontrar a si mesmo, obtendo autonomia e autogestão de seus projetos, maximizando suas possibilidades de ser existente.

Vislumbramos então, em Agostinho e Heidegger, uma condição comum que possibilita a educação ética, a saber o livre-arbítrio em Agostinho e a liberdade em Heidegger. Sem tal condição não se pode viver de fato o amor e nem tão pouco o cuidado genuíno, pois não se formam consciência e nem se molda os valores necessários à felicidade. Sem o poder de autodeterminação o sujeito não se constrói verdadeiramente, é um ser sem rosto, sem projeção de si, sem sentido. A educação ética é aquela capaz de nos fazer para nós mesmos, antes de tudo, e depois para o outro, para

que em nossas relações sejamos autênticos e verdadeiros, virtuosos e caridosos. Amar e cuidar neste sentido se encontram e se completam. Pois apresentam sua face mediante a necessidade que extrapola o simples ‘eu’ e se vê na condição de ser-com-outro. Educar é cuidar e amar, primeiramente a si mesmo e depois ao outro.

Quando pensamos na formação humana, cujas instituições estão envolvidas, desde a família, a igreja, a mídia, e a escola, e pensamos na educação formal e informal, vislumbramos como estes conceitos podem e devem equilibrar-se na educação ética. Visto que a educação tem papel fundamental na existência humana.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____. *A cidade de Deus: (contra os pagãos)*. Parte I. Petrópolis: Vozes, São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, 1990.

_____. *A cidade de Deus: (contra os pagãos)*. Parte II. Petrópolis: Vozes, São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, 1990.

_____. *A Trindade*. Trad. Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1994. (Patrística).

BERTRAND, Luís. *Santo Agostinho*. Trad. A. Cardoso. 2 ed. Porto: Imprensa, 1952.

GILSON, Etienne; BOEHNER, Philotheus. *História da Filosofia Cristã*. Trad. Raimundo Vier. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. *A filosofia na Idade Média*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 2 Vols. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. *Todos nós...Ninguém: Um Enfoque Fenomenológico do Social*. Apresentação e introdução: Solon Spanoudis. Trad. e comentários Dulce Mara Critelli. São Paulo: Editora Moraes. 1981.

HODGE, Joana. *Heidegger e a Ética*. Trad. Gonçalo Couceiro. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. 4 ed. Vol. I. São Paulo: Paulus, 1990.

(Recebido em outubro de 2017; aceito em dezembro de 2017)